

## RELIGIÃO EM NIETZSCHE

## Coleção **FILOSOFIA EM QUESTÃO**

- *Pensamento ético contemporâneo*, Jacqueline Russ
- *Pitágoras e os pitagóricos*, Jean-François Mattéi
- *Pensar com Emmanuel Levinas*, Benedito E. Leite Cintra
- *Nietzsche – Viver intensamente, tornar-se o que se é*, Mauro Araujo de Sousa
- *Nietzsche: Para uma crítica à ciência*, Mauro Araujo de Sousa
- *Introdução a Ricoeur*, Domenico Jervolino
- *O sofrimento como redenção de si – Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*, Thiago Calçado
- *A pobreza e a graça – Experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*, Alexandre Andrade Martins
- *Introdução à mitologia*, José Benedito de Almeida Júnior
- *Mito e Lógos em Platão: Um estudo a partir de excertos dos diálogos República, Político e Fedro*, Kris Jareski
- *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*, Adair Aparecida Sberga
- *Descartes e a morte de Deus*, Joceval Andrade Bitencourt
- *Religião em Nietzsche – “Eu acreditaria somente num Deus que soubesse dançar”*, Mauro Araujo de Sousa

MAURO ARAUJO DE SOUSA

# RELIGIÃO EM NIETZSCHE

“Eu acreditaria somente num Deus  
que soubesse dançar”



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tarsila Doná*

*Iranildo Bezerra Lopes*

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sousa, Mauro Araujo de

Religião em Nietzsche: “Eu acreditaria somente num Deus que soubesse dançar” / Mauro Araujo de Sousa. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Filosofia em questão)

ISBN 978-85-349-4186-0

1. Ciência - Filosofia 2. Deus - Existência 3. Existência (Filosofia) 4. Filosofia alemã 5. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 - Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

15-04850

CDD-193

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Nietzsche: Filosofia alemã 193

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627

Tel. (11) 5087-3700

[www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br)

[editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-4186-0

*Às minhas queridas Claudiana e Ana Beatriz,  
esposa e filha.*

*Há tantas auroras que não brilharam ainda.*

*(Rigveda. In: epígrafe de M/A)*

## PREFÁCIO

Quem matou Deus decretou o fim da religião? Nietzsche é reconhecidamente um autor provocativo. Não somente devido às suas missivas intempestivas, ao seu filosofar com o martelo que estilhaça os antigos ídolos ou mesmo ao caráter sedutor de seu estilo de escrita, necessário para sua postura antimetafísica. Além disso, a filosofia de Nietzsche é provocativa por ser um convite para ir além dos dualismos estáticos que marcam nosso modo de pensar. Ler seus escritos e comentadores de sua obra implica a disposição em rever não somente o objeto do pensamento, mas, sobretudo, o modo como eles são pensados (até onde é válida uma distinção desse tipo). Por isso mesmo, as perguntas que seu pensamento suscita e as questões que a ele os leitores/intérpretes dirigem não aceitam respostas simples. Entre um “sim” e um “não” se escondem muitas nuances, muitas possibilidades, muitos centros de força que não se deixam emoldurar por uma polaridade rigidamente organizada. Acreditar num deus dançarino é também saber dançar com as palavras e com os conceitos. Essa pressuposição é também válida quando se trata da

temática da religião no pensamento nietzschiano. Há de se desconfiar tanto daqueles que apontam respostas fáceis, como daqueles que demonstram muita convicção da verdade de sua leitura.

Escapando dessas armadilhas, o livro de Mauro Araujo de Sousa *Eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar: ensaio sobre religião e religiosidade em Nietzsche* representa importante contribuição. Ele foge das aproximações precipitadas, explorando as múltiplas e tortuosas sendas que o anúncio da morte de Deus abre, sem se contentar com as leituras que “batizam” Nietzsche e aquelas que o interpretam como mais uma expressão de ateísmo. É certo que o filósofo se coloca como crítico ferrenho da religião, notadamente do cristianismo e do papel desempenhado pela noção de Deus. No entanto, buscar refúgio no lado inverso, como se a morte de Deus fosse mera profissão de ateísmo, não avança muito. Como a própria palavra indica, “a-teísmo” é negação de determinada concepção de Deus. Uma vez que inverter não significa subverter a estrutura de pensamento, a simples negação revela certa dependência do que é negado, podendo ser apenas uma maneira do antigo Deus sobreviver. E, assim, iludidos, pode se prolongar os dois mil anos sem um novo deus...

Se o filósofo é crítico das dualidades, é bom manter-se atento para que elas não sejam reinscritas quando se trata do tema da religião em sua experiência intelectual. Os caminhos tortuosos que se colocam entre e para além desses dois extremos



são seguidos pelo presente livro com cuidado e rigor (o que se nota na boa escolha das citações de Nietzsche e no debate com comentadores), mas sem perder o tom provocativo e a originalidade na interpretação.

Como o leitor poderá perceber pela apreciação do ensaio, as ideias do filósofo da morte de Deus auxiliam a ampliar a concepção usual de religião como mero religar-se à transcendência que se coloca no “mundo verdadeiro”. Por outro lado, o tema da religião permite também que se aprofunde no reconhecimento das sutilezas e complexidades da filosofia nietzschiana. Há uma espécie de circularidade, de modo que um elemento ajuda a esclarecer o outro, como num jogo de espelhos: a abordagem do tema em Nietzsche contribui para a ampliação da noção de religião e, por outro lado, perguntar-se pela religião em Nietzsche fornece importantes pistas para a interpretação de sua obra.

Desse modo, tendo em vista as Ciências da Religião, que vêm ganhando cada vez mais espaço no Brasil, um ponto importante é a ampliação do conceito de religião. Talvez aqui esteja a chave para que se possa adentrar a obra que temos o privilégio de apresentar. Para uma apreciação proveitosa, é importante que o leitor suspenda compreensões dogmáticas e/ou reducionistas da noção de religião, especialmente aquelas que a entendem como estritamente vinculada a práticas de instituições religiosas estabelecidas ou como mera

expressão de desvario. A religião é mais ambígua do que esses conceitos construtores de falsas identidades permitem vislumbrar.

Ao lado dessa dimensão social do conceito, a religião ergue-se também no seu papel de constituidora de sentido, como meio de atribuição de significado. Também, como se pode notar pelo próprio ensaio, o recurso a etimologias ajudam, mas, caso se permaneça restrita a elas, muito pouco se caminha. Elas podem oferecer um ponto de início para se pensar o que é religião, mas este início é logo superado, ampliado, ultrapassado em direção a compreensões mais abrangentes. Assim, religião como *re-ligare* é um começo para justamente se entender aquilo que é mais determinante: o que é religado, como a religação é possível, quem são os atores envolvidos etc. A importância disso? Um conceito não apenas descreve uma realidade dada, mas torna determinados fenômenos visíveis.

A filosofia da religião, pensada dentro do escopo das Ciências da Religião, considera a religião vivida, ainda que não a tenha por finalidade. Por isso mesmo, pode pensar os conceitos com maior abrangência e liberdade. Os conceitos não são tidos como simples expressões para dar voz a uma realidade dada, a uma “identidade” constituída. Antes, os conceitos têm a função de iluminar certos aspectos da vida. Eles abrem um horizonte de abordagem possível. Desse modo, a ampliação da noção de “religião”, reconhecendo a contribuição de Nietzsche, acaba por permitir a inclusão de fe-

nômenos que, de outro modo, estariam excluídos, ou a visão dos já conhecidos em outra perspectiva.

Por outro lado, o tema da religião em Nietzsche, tal como tratado neste livro, se reveste de importância para que atinemos à virada que ele propõe ao se colocar para além dos dualismos. Entender que a religião se reduz a duas opções, aquela que afirma e a outra que nega Deus, é apenas mais uma metamorfose do “monotono-teísmo”. O ponto não é mais se há ou não Deus; se há um ou vários deuses; se é transcendente etc. A questão é justamente ir além dos dualismos para alcançar a compreensão dinâmica que emerge dos vários centros de força daquilo que se mostra como o sagrado, não mais nas alturas, mas aqui, na Terra, nas ambiguidades da vida e do vir-a-ser com suas múltiplas forças em conflito. Para tanto, é preciso rever noções caras, percebendo como Nietzsche insere radicalmente a religião na dinâmica da vida e do devir.

Por que denominar essas características da filosofia nietzschiana de religiosas? Mauro Araujo de Sousa indica, com referências elucidativas, que o próprio Nietzsche dá pistas dessa compreensão. Ainda que o termo *religião* não seja muito recorrente em seus escritos, nota-se como o anúncio da morte de Deus não significa abdicar do adjetivo “religioso”, mas de o transvalorar. O próprio Nietzsche, que reconheceu que o instinto religioso ainda se movia nele, emprega-o ao tratar de faces do que emerge após a morte de Deus. E daí, justa-

mente, voltamos ao início: o que significa mesmo religião nesses usos feitos pelo filósofo? O que é o religioso para aqueles que se movem nas sombras da morte de Deus?

A metafísica tem por finalidade tornar a vida mais fácil. Deus, como centro estruturador, como fundamento seguro e imóvel, permite a organização do espaço, do tempo, da razão, da vida social etc. No entanto, como viver depois da morte de Deus? Como ainda continuar sonhando quando se toma consciência de que se está sonhando? De certa maneira, perguntar-se pela compreensão da religião em Nietzsche significa responder a essas questões. Significa assumir o risco do devir, da possibilidade de se acreditar num deus que sabe dançar, num deus-movimento... O livro que ora o leitor tem em mãos busca justamente explorar, de maneira criativa e provocativa, essas pistas deixadas pelo pensamento de Nietzsche.

Frederico Pieper  
Professor Doutor do Departamento de Ciências  
da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora  
(UFJF) – MG